



Alice Liddell

Tempo *carolliano*!... Mas não foi esse também o tempo que o autor desse texto – **Luiz-Olyntho** - usou para falar da atriz *Carolkne? Bien... Sh!*... Em surdina, sim, não foi assim que percebeu a filha em mãe *se tornando?* Tempo das inversões! Um *a priori*, sim!, mas em *a posteriori* reciprocando! Assim, então, com certeza, *mais do que era antes e menos do que é agora* acontece a doce e simpática transformação. Mãe e filha, *no mesmo lance*, em *incorporais encarnações!* Claro, claro! Gilles Deleuze, que me guia na leitura desse poroso texto, assim o diz, em seu livro, *Lógica do Sentido: O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo. É Carroll in lines, enunciado e enunciação!*

No cenário - e agora vem a peça -, *uma pessoa sentada em uma poltrona, ao que parecia, lendo um jornal...* Que função? Mas quem fica aí fora dessa cena representada não tem que ser mesmo o *sujeito*, ponto de referência para os efeitos que se lhe seguirão? E bem comenta o escritor, **Luiz-Olyntho**: *E lendo este jornal ficou, desde antes do início até o fim.* Mas um, ali sozinho, sozinho, claro, não poderia existir! Ora, pois isso não refere mesmo o famoso paradoxo do *Catálogo dos catálogos* do matemático Russell, aquele Catálogo que cataloga todos os catálogos e que, não, não pode se contar a si mesmo?! Não estará, pois, o escritor chamando nossa atenção para este *não contável* daquela cena desenrolada? E aí, assim, então observa, relatando: *Vindos da platéia, entram em cena outros dois atores para dar início ao espetáculo e representam algo do tipo pastelão, até*

reconhecerem a presença do corpo caído, que logo erguem. E, então, é quando surge Alice! Ah, não, isto é, é sua adorável nova versão: the woman in red! Um puro devir, sem medida! E assim prossegue narrando o escritor: diz coisas e as repete, na mesma ordem, em outra ordem, como composição, como refrão, sucessivamente. E, ao final, arremata: Tudo gira. Apenas ela, aquela pessoa, ali sentada, comenta, imóvel permanecia... Não, não esqueçamos o olhar arguto do escritor, deste modo observando e repetindo a primeira alusão: Imóvel, permanece apenas o leitor de jornal. Que quer nos dizer? Será que não quer é nos dizer que aquele que ali está sentado – fora de cena, lendo o jornal-, não é ele mesmo o sujeito das cenas representadas, nelas recebendo as mensagens - qual Alice! -, invertidas? Não esqueçamos que o autor desse texto é um experimentado psicanalista! Pois é! É somente deste lugar, lugar de sujeito, sujeito inscrito na cadeia linguageira - neste modo muito, muito, especial de inscrever-se, pois não?! Diz-se ex-sistência! -, é, portanto, somente desse lugar de onde podem originar-se as letras- as mesmas letras inscritas no jornal-, cujas cenas vão se compondo e desdobrando-se, no palco da vida, ad infinitum... Este, sabemos, é mesmo um modo muito, muito especial, de dizer, ou melhor, é o verdadeiro modo pelo qual se pode mostrar que o sangue já não é doce, é quente e arde. Um devir!

Dulcinea Santos

Recife, 12 de agosto de 2010